

## RESENHA

*Alex Gonçalves da Silva\**

KEENER, Craig S. **A Hermenêutica do Espírito**: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes. Trad. Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018. 640 p.

O autor é mestre pelo Seminário Teológico das Assembleias de Deus, em Springfield, Missouri, e doutor em Novo Testamento pela Universidade Duke. Atualmente é professor de Novo Testamento no Seminário Teológico Asbury. É autor de 24 livros, dentre os quais estão traduzidos para o português *A Mente do Espírito: A Visão de Paulo sobre a Mente Transformada*; *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento*; *O Espírito na Igreja: O que a Bíblia Ensina sobre os Dons*, e *O Espírito nos Evangelhos e em Atos: Pureza e Poder Divino*.

Keener introduz *A Hermenêutica do Espírito* apresentando seu pressuposto central de que a experiência do Espírito vivenciada pela igreja no dia de Pentecostes pode e deve moldar a interpretação e a leitura experiencial das Escrituras para que se possa ouvir espiritualmente a sua mensagem. Essa abordagem, como ele mesmo destaca, é prescritiva e não cessacionista, pois pressupõe que Deus modelou em Atos 2 uma experiência espiritual que deve ser vivida pelos cristãos para que sejam capazes de ouvir a voz do Espírito na interpretação das Escrituras. Como apoio para esse entendimento, ele fornece o testemunho de intérpretes na história da tradição cristã que enfatizaram a importância da iluminação ou de ouvir a voz do Espírito. Não obstante, outros estudiosos que resenharam a obra de Keener não mencionam que ele fundamenta seus argumentos a partir da premissa de que Atos 2 é um modelo para

---

\* Mestrando em Teologia (MDiv), com área de concentração em Estudos Bíblico-Hermenêuticos, no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (Campinas-SP). É pastor presbiteriano no Presbitério Metropolitano de Campinas.

as experiências contemporâneas, o que consideramos imprescindível para que possamos examinar as suas ideias.<sup>1</sup>

Na primeira parte da obra, que ele pretende que seja uma reflexão bíblico-teológica, Keener começa considerando a importância do modelo de leitura experiencial e escatológica da Bíblia que caracterizou a interpretação pentecostal inicial. Conforme a leitura que os primeiros pentecostais fizeram especialmente de Atos 2, ele defende que devemos ler as narrativas bíblicas buscando modelos ou padrões tanto da atividade divina quanto para as nossas reações a Deus, com a esperança de que atue com seu povo sempre do mesmo modo como na época narrada nas Escrituras. Então, ele argumenta que tal leitura experiencial das Escrituras é ler da perspectiva do Pentecostes e exige que se tenha fé para crer que podemos experimentar pessoalmente as atividades de Deus que os cristãos primitivos experimentaram. De acordo com essa leitura, ele adota a narrativa do derramamento do Espírito em Atos 2 como o modelo para apoiar a continuidade de todos os dons espirituais, enfatizando os dons de profecia e de línguas.

A segunda parte inicia com a sugestão de que ler da perspectiva do Pentecostes também significa fazer leituras globais sensíveis a contextos culturais diferentes, pois observa que o derramamento do Espírito sinalizado pelo dom de línguas entre os primeiros cristãos (At 2.1-36) foca a capacitação para atravessar barreiras culturais com o evangelho e sua repetição entre os samaritanos (At 8.14-17) e os gentios (At 10.44-48) enfatiza que os cristãos de outras culturas também foram capacitados para realizar a mesma missão. Por causa dessa sensibilidade cultural, Keener defende a necessidade de entendermos o contexto histórico, cultural e linguístico dos textos bíblicos para que possamos recontextualizá-los comunicando sua mensagem nos contextos de diferentes culturas. Ele destaca que a Bíblia fornece o modelo para contextualizá-la em novos contextos de maneira que sejamos fiéis à sua mensagem original e ressalta que realizamos essa tarefa com o auxílio de cristãos de outras culturas, pois novos contextos culturais podem nos ajudar nas áreas em que temos pontos cegos hermenêuticos como, por exemplo, a ênfase em justiça e libertação da

---

<sup>1</sup> Consultamos as resenhas dos seguintes autores: ATKINSON, Jonathan. Book Reviews. *The Southern Baptist Journal of Theology*, Louisville, KY, v. 21, n. 1 (Verão 2017), p. 167-171. Disponível em: <http://equip.sbts.edu/wp-content/uploads/2017/05/SBJT-21.1-Complete-Issue.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018; AUTRY, Arden C. Book Reviews. *ORU Journal of Theology*, Tulsa, OK, v. 3, n. 1 (Verão 2018), 127-129. Disponível em: <https://digitalshowcase.oru.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1056&context=spiritus>. Acesso em: 18 ago 2018; EMIG, Elodie Ballantine. *A Denver Journal Book Review*, Littleton, CL, v. 20, mar. 2017. Disponível em: <https://denverseminary.edu/resources/news-and-articles/spirit-hermeneutics-reading-scripture-in-light-of-pentecost/>. Acesso em: 18 ago 2018; JIPP, Joshua W. Book Reviews. *Bulletin for Biblical Research*, University Park, PA, v. 27, n. 2 (2017), p. 272-274. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=0&sid=a2fa9002-1a6a-4d95-ad9a-1cbb162d420e%40sdc-v-sessmgr03>. Acesso em: 18 ago 2018.

igreja latino-americana, para que ouçamos como o texto bíblico fala às várias situações além daquelas que nós mesmos vivenciamos.

Na terceira parte, Keener adverte para a conexão inseparável dos contextos histórico, cultural e linguístico dos textos bíblicos com o sentido original projetado pelos seus autores porque Deus forneceu as Escrituras em idiomas, culturas e gêneros específicos, de modo que precisamos ouvi-las conforme a forma em que foram moldadas. Ele explica que essa advertência se deve à preocupação com a substituição por parte de alguns pentecostais da mensagem dos textos bíblicos por interpretações e aplicações que não se fundamentam neles. Contudo, ele esclarece que interpretações e aplicações legítimas podem resultar da direção dada pelo Espírito por meio de visões, de sonhos e de percepções em meio à oração e estudo bíblico ou de experiências proféticas, pois presume que a revelação não está restrita à Bíblia, alegando que Jesus teria prometido em João 16.13-15 que continuaria revelando seus ensinamentos por meio do Espírito Santo (p. 194).

No entanto, conclui que as Escrituras constituem o cânon que fornece a tradição profética à luz do qual devem ser testadas as experiências de interpretação e de aplicação guiadas ou reveladas pelo Espírito, pois a hermenêutica do Espírito requer que toda interpretação e aplicação sejam conectadas com o contexto do texto bíblico originalmente inspirado pelo Espírito. Novamente, os mesmos resenhistas já citados da obra de Keener não expõem a fundamentação bíblica que ele apresenta para seu pressuposto quanto à continuidade das profecias, de modo que não propiciam subsídio suficiente para que a propriedade dos argumentos dele seja avaliada adequadamente.

Tendo dito isso, Keener defende, em razão da tensão que detecta no meio acadêmico pentecostal entre os que favorecem o contexto histórico e os que o minimizam, que uma verdadeira hermenêutica do Espírito precisa ouvir as Escrituras em seu contexto antigo para ouvir o significado antigo do texto canônico a fim de aplicá-lo e recontextualizá-lo guiada pela estrutura do texto bíblico em seu contexto original, pois foi o ambiente em que Deus escolheu inspirá-lo e comunicar a sua mensagem. Ele também observa que o interesse pelo significado antigo não é uma preocupação moderna iluminista ou do método histórico-crítico, pois antes da crítica histórica moderna os intérpretes antigos consideravam o contexto autoral, como no caso de antigas leis romanas e dos reformadores, como Zuínglio, que usaram a exegese histórico-gramatical. Ainda, ele argumenta que devemos buscar a intenção do autor para podermos compreender a mensagem que Deus quis comunicar no contexto em que o texto bíblico foi moldado e para sermos capazes de responder ao seu significado na atualidade. Por último, ele trata da importância de abordarmos as Escrituras tanto literária quanto historicamente, pois os estilos de elaboração dos textos bíblicos foram moldados em circunstâncias culturais, teológicas e linguísticas específicas compartilhadas entre os seus autores e leitores originais, de maneira

que podemos entender tanto o seu significado antigo quanto o atual desde que entendamos o contexto em que foram elaborados.

A quarta parte é dedicada à relação entre a epistemologia e o Espírito. Keener considera o papel que o Espírito desempenha na epistemologia que tem como fundamento a teologia revelada nas Escrituras, salientando que outras abordagens epistemológicas, ainda que se correlacionem com a realidade como é o caso do empirismo, não incluem a realidade sobre Deus que é entendida de modos mais especificamente teológicos. Por essa razão, ele fala em favor de uma epistemologia cristocêntrica na qual Cristo é o Senhor do modo como buscamos a verdade por meio da qual interpretamos toda a realidade. Nesse sentido, ele declara que a epistemologia cristocêntrica está descrita em João 16 e que de acordo com essa descrição ela é fundamentada em evidências históricas e confirmada pelo testemunho vivo do Espírito de Deus. Como exemplo, ele afirma que Cornélio ouviu tanto o testemunho de Pedro dos atos de Deus na história quanto recebeu a confirmação deles pela experiência pessoal do Espírito (At 10.41-46). Assim, ele conclui que acolher com fé a verdade que Deus revela nas Escrituras por meio das narrativas dos seus atos na história depende da sabedoria concedida pessoalmente pelo Espírito (Rm 8.5-7; 1Co 2.9-16). No entanto, ele equipara a fé que acolhe o ensino que Deus revela nas narrativas com a admissão de que elas contêm os modelos das maneiras de ele agir e com a esperança de que agirá conosco e falará a nós atualmente conforme os mesmos modelos.

A partir dessa visão epistêmica das Escrituras, Keener sugere que os cristãos adotem uma forma distintamente cristã de leitura dos textos bíblicos. Ele explica que ler as Escrituras de modo cristão significa ler com a cosmovisão ou o parâmetro interpretativo que lê com a fé que se apropria com confiança do que ele avalia como modelos bíblicos da atuação de Deus. Mas ele acrescenta que além de conceder a fé no testemunho das Escrituras sobre Jesus e suas ações, o Espírito confirma que esse testemunho é verdadeiro testemunhando ao nosso espírito (Rm 8.16) à semelhança de como Jesus confirmava pessoalmente os testemunhos a seu respeito (Jo 1.40-42; 15.26-27; 16.12-16).

Na quinta parte, Keener lida com o que ele avalia como sendo modelos de leitura intrabíblicos conduzidos pelo Espírito para a aplicação da mensagem bíblica à vida contemporânea. Primeiramente ele apresenta o modelo de leitura de Jesus. Ele procura mostrar que Jesus lia considerando algumas partes da Lei mais centrais do que outras, como sobre o amor a Deus e ao próximo (Mc 12.28-34). Esse seria o parâmetro hermenêutico pelo qual Jesus aplicava as Escrituras em sua época, fazendo analogias com princípios sobre o povo de Deus no passado. Por exemplo, ele aplicou por analogia o princípio de que alimentar um servo de Deus prevalece sobre as regras dos rituais religiosos, procedente do fato de um sacerdote ter dado pão consagrado a Davi porque ele estava com fome (1Sm 21.1-6), a atitude dos seus discípulos de colherem

para se alimentar em dia de sábado para mostrar que o espírito da Lei, que é o bem do povo, está acima da violação da prática ritual da Lei (Mt 12.1-8).

Desse modo, ele sustenta que Jesus e o apóstolo Paulo liam as Escrituras com a fé de que o Espírito escreve no coração dos discípulos os princípios morais da Lei para que eles os cumpram. Com isso em mente, ele adverte que precisamos valorizar os princípios da Lei acima das suas aplicações culturais específicas, pois alguns deles são colocados de maneira que podem ser traduzidos mais facilmente para além da cultura local, como no caso dos Dez Mandamentos. Porém outros princípios exigem que os entendamos melhor por detrás das regras a fim de aplicarmos a sua mensagem para a nossa geração.

Contudo, ele frisa que além de atualizar os princípios da Lei, o Espírito aplica as Escrituras de maneira pessoal. Dessa forma, ele destaca que a interpretação cristológica não pode deixar de considerar como podemos viver à luz da mensagem do texto. Como exemplo, ele analisa que em Atos 7 Lucas faz uma abordagem cristocêntrica ao narrar o martírio de Estevão, ecoando a Paixão de Jesus que não somente prenuncia os ideais de liderança vistos nele, mas que também se aplicam àqueles que o seguem e o imitam. Somado a isso, Keener afirma que as analogias bíblicas não são exclusivamente cristológicas, mas também entre eventos salvíficos mais recentes e aqueles de textos anteriores das Escrituras, sendo que encontramos nelas sobre aqueles indivíduos, como Daniel (9.2), que aprenderam para a sua geração de textos anteriores e sobre outros que entenderam a experiência presente à luz de analogias com textos prévios, a exemplo das alusões de Apocalipse 21 a Ezequiel 40-48. Ao mesmo tempo, ele esclarece que a nossa compreensão para novas situações não deve ser dissociada, mas deve fluir da compreensão do sentido que o texto original estava destinado a comunicar.

Sendo assim, ele comenta que podemos e devemos ler as Escrituras em combinação com a experiência, pois esse seria o modo pelo qual os autores do Novo Testamento entendiam o Antigo Testamento, como Paulo, que em 1Coríntios 10 interpreta os pecados de Israel no deserto como um exemplo negativo para a época dele. Ele defende que embora a narrativa bíblica se refira principalmente à história da salvação e a Deus buscando reconciliar pecadores consigo, no entanto podemos aprender das ações tanto positivas quanto negativas dos personagens descritos nela, pois Jesus e Paulo apelam a elas, como nos casos da postura de Davi no templo quando comeu os pães da proposição (Mc 2.25-26) e da fé de Abraão (Rm 4.1-25). Mas, além de aprender das ações dos personagens, Keener acrescenta também com base em 1Coríntios 10 que a Bíblia fornece padrões para as condutas de Deus com o seu povo. Portanto, ele conclui que precisamos aprender a ler os textos levando em conta as experiências que eles descrevem da atuação de Deus na vida do seu povo, crendo que ele realiza hoje os seus propósitos como ele os realizou no passado.

A sexta e última parte busca elucidar que experimentar o texto é o que torna uma hermenêutica distintamente pentecostal ou distingue a hermenêutica do Espírito. Ao mesmo tempo, Keener argumenta finalmente que a leitura bíblica experiencial precisa ser acompanhada pelo estudo contextual cuidadoso para que a leitura subjetiva seja ancorada no estudo objetivo que respeita e se submete aos parâmetros estabelecidos pelos gêneros literários dos textos bíblicos.

Apesar de Keener dar importância devida ao contexto e à intenção dos autores de uma passagem bíblica, ele admitiu na introdução do seu estudo que devemos nos interessar pelos textos bíblicos com a expectativa de compartilhar o tipo de experiência espiritual que encontramos neles (p. 37), de modo que essa é uma pressuposição da sua leitura que concorda com seu entendimento de que ninguém se aproxima de um texto sem pressuposições (p. 68). Em vista de tal expectativa, ele explicou que seu foco principal acerca da leitura bíblica experiencial foi em como lemos as nossas experiências à luz de experiências análogas nas Escrituras (p. 70). Dessa forma, Keener interpreta o texto bíblico e defende o continuísmo porque pressupõe e procura a continuidade entre a mensagem do texto e as circunstâncias atuais. Entretanto, ele critica os cessacionistas dizendo que não possuem fundamentação bíblica ao pressuporem a descontinuidade dos dons sobrenaturais (p. 110).

Keener espera que continuemos a ter em nossa época as experiências espirituais descritas nas Escrituras como o dom de profecia por causa da relação que ele faz da narrativa de Atos 2.17-19 com a promessa de Jesus sobre a futura ação do seu Espírito em João 16.12-15. Ele compreende que Jesus prometeu em João 16 que continuaria revelando coisas secretas a todos os que eram e viessem a ser seus discípulos (p. 90) e chega a afirmar que está bem claro que a revelação não está limitada à Bíblia (p. 194). Assim, a experiência narrada em Atos 2 cumpriria inicialmente a promessa de Jesus em João 16, de modo que esse seria o fundamento para o entendimento de Keener quanto à continuidade atual do dom de profecia conforme ele interpreta 1Coríntios 13-14. Portanto, ele adota uma epistemologia da revelação baseada em João 16 para justificar suas premissas de que Deus modelou uma experiência profética em Atos (p. 41) e que é a intenção do texto prescrevê-la como modelo para a vida da igreja (p. 44, 72).

Embora a epistemologia da revelação que Keener articula e sobre a qual ele fundamenta sua abordagem hermenêutica não seja compartilhada por todas as tradições cristãs, especialmente pela tradição reformada, sua obra oferece uma contribuição importante para os estudos hermenêuticos da igreja em geral, pois ele nos encoraja a fazer o indispensável exame do contexto e da intenção autoral no processo de interpretação dos textos bíblicos para que sejamos fiéis à mensagem original.

Sobretudo, *A Hermenêutica do Espírito* nos adverte a não negligenciarmos o papel do Espírito na interpretação bíblica, uma vez que dependemos da

atuação dele em nosso entendimento para sermos aptos a crer e a apreender a verdade divina. Por isso, as resenhas que já citamos destacam com unanimidade e pertinência desse papel do Espírito no estudo bíblico.

Nesse sentido, Keener termina seu estudo definindo que “uma hermenêutica cristã não é nada menos do que uma hermenêutica do Espírito – uma abordagem que reconhece humildemente que é a voz de Deus, e não a nossa própria, que precisamos ouvir em sua Palavra” (p. 448). Por essa razão, o livro contribui para que sejamos intérpretes fiéis nos encorajando a confiar na orientação que Deus provê pela iluminação do seu Espírito para interpretarmos a sua Palavra respeitando a mensagem que ele tentou comunicar.